

COSMOVISÃO DE AILTON KRENAK E TERAPIA OCUPACIONAL SOCIAL: DIÁLOGOS PARA ADIAR O FIM DO MUNDO

Ailton Krenak's cosmovision and social occupational therapy: dialogues to postpone the end of the world

Cosmovisión y la terapia ocupacional social de Ailton Krenak: diálogos para posponer el fin del mundo

Kyara Freitas Rodrigues da Silva

<https://orcid.org/0009-0003-7185-1777>

Fundação de Ensino e Pesquisa em Ciências de Saúde, Programa de Residência em Saúde Mental Adulto, Brasília, DF, Brasil.

Rafael Garcia Barreiro

<https://orcid.org/0000-0002-6699-2386>

Universidade Federal da Bahia, Departamento de Saúde da Família, Faculdade de Medicina, Salvador, BA, Brasil.

Magno Nunes Farias

<https://orcid.org/0000-0002-9249-1497>

Universidade de Brasília, Faculdade de Ceilândia, Brasília, DF, Brasil.

Resumo: Objetivo: Realizou-se um estudo teórico-crítico-reflexivo a partir da perspectiva do pensador contemporâneo indígena Ailton Krenak em diálogo com a terapia ocupacional social, no sentido de fortalecer uma ação profissional técnica e politicamente comprometida com a transformação social. **Síntese dos elementos do estudo:** As narrativas plurais desenvolvidas por Krenak, assim como o debate sobre o sistema capitalista e o conceito de Antropoceno, fortalecem a compreensão dos diversos modos de vida e cotidianos de coletivos que resistem à monocultura em prol da produção de cuidado e de participação social que faça sentido para os mesmos. **Conclusão:** Realizar debates sobre diversos saberes aliando à terapia ocupacional social podem contribuir para a ampliação dos referenciais teórico-metodológicos da práxis da profissão.

Palavras-chave: Terapia Ocupacional. Saberes Plurais. Mudança Social.

Abstract: Objective: A theoretical-critical-reflexive study was carried out from the perspective of the contemporary indigenous thinker Ailton Krenak in dialogue with social occupational therapy, in order to strengthen a professional action technically and politically committed to social transformation. **Synthesis of the elements of the study:** The plural narratives developed by Krenak, as well as the debate on the capitalist system and the concept of the Anthropocene, strengthen the understanding of the diverse ways of life and daily life of collectives that resist monoculture in favor of the production of care and social participation that makes sense for them. **Conclusion:** Conducting debates on various types of knowledge combined with social occupational therapy can contribute to the expansion of the theoretical-methodological references of the praxis of the profession.

Keywords: Occupational therapy. Plural Knowledge. Social change.

Resumen: Objetivo: Se realizó un estudio teórico-crítico-reflexivo desde la perspectiva del pensador indígena contemporáneo Ailton Krenak en diálogo con la terapia ocupacional social, con el fin de fortalecer una acción profesional comprometida técnica y políticamente con la transformación social. **Síntesis de los elementos del estudio:** Las narrativas plurales desarrolladas por Krenak, así como el debate sobre el sistema capitalista y el concepto de Antropoceno, fortalecen la comprensión de las diversas formas de vida y cotidianidad de los colectivos que resisten al monocultivo en favor de la producción de cuidados y participación social que tenga sentido para ellos. **Conclusión:** La realización de debates sobre diversos tipos de conocimiento combinados con la terapia ocupacional social puede contribuir a la ampliación de los referentes teórico-metodológicos de la praxis de la profesión.

Palabras-clave: Terapia ocupacional. Conocimiento plural. Cambio social.

Como citar:

Silva, K. F. R.; Barreiro, R. G.; Farias, M. N. (2024). Cosmovisão de Ailton Krenak e terapia ocupacional social: diálogos para adiar o fim do mundo. Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup., 8(4), 10.47222/2526-3544.rbto64080

Introdução

Trata-se de um ensaio teórico-crítico-reflexivo que buscou correlacionar as perspectivas do pensador contemporâneo indígena Ailton Krenak com as discussões estabelecidas pela terapia ocupacional social, em que Barros et al., (2002, p.100) aponta: “o descentramento do saber técnico para a ideia de saberes plurais diante de problemas e de questões sociais”, além da luta que possibilita a ampliação do saber com base no compromisso técnico e ético-político, indissociáveis na ação do terapêutico-ocupacional social.

A terapia ocupacional social compreende os diversos modos de vida onde a vida cotidiana acontece para encontrar respostas aos desafios sociais, econômicos, políticos e culturais encontrados em populações em situação de vulnerabilidade social, por meio do desenvolvimento da consciência crítica, da participação social e da garantia da cidadania (Melo & Lopes, 2023), demonstrando a importância para uma ação profissional comprometida com a transformação social.

A terapia ocupacional social tem se debruçado com estudos sobre comunidades tradicionais, do campo e indígenas (Macedo *et al.*, 2016), o que auxilia numa aproximação com as compreensões organizadas por Ailton Krenak, embora o que se busca aqui não se restringe aos saberes expressos a essas populações, e sim nas conexões estabelecidas pelo autor que extrapolam aspectos culturais descendentes e promove, a partir destes, uma crítica a sociedade capitalista contemporânea com reflexões referentes às problemáticas sociais e históricas que marcam a sociedade, que podem servir reflexões relevantes para a práxis da terapia ocupacional social e a sua produção científica contra hegemônica.

A partir de revisão assistemática da literatura produzida na terapia ocupacional social, este ensaio propõe estabelecer uma discussão destes referenciais teórico-metodológicos com os conceitos e reflexões de Ailton Krenak, organizadas nos livros: *Ideias para adiar o fim do mundo* (Krenak, 2020a), *A vida não é útil* (Krenak, 2020b), *O amanhã não está à venda* (Krenak, 2020c) e *Futuro ancestral* (Krenak, 2022).

Quem é Ailton Krenak?

Ailton Krenak, líder indígena, ativista, ambientalista e pensador contemporâneo nasceu em 1953, na região Médio Rio Doce, em Minas Gerais, território do povo Krenak, que na sua etimologia significa cabeça (*kre*) da terra (*nak*) (Krenak, 2019; Krenak, 2020a).

Na adolescência Ailton Krenak mudou-se para o Paraná com a família, onde foi alfabetizado e tornou-se produtor gráfico e jornalista (Krenak, 2019; Krenak, 2020a). Entretanto, impulsionado pela ascensão dos movimentos sociais no período da ditadura militar, a partir da década de 1970, juntou-se a outros líderes originários e atuou no movimento indígena que lutou na reivindicação de direitos específicos a população indígena, dedicando-se exclusivamente por um tempo ao movimento, articulando ações e organizações. Em 1985 fundou o Núcleo de Cultura Indígena, uma organização não governamental na Serra do Cipó, em Minas Gerais, com o intuito de promover a cultura e os direitos indígenas (*Quem é Ailton Krenak*, s/a; Krenak, 2019; Krenak, 2020a).

No ano de 1986, Ailton Krenak teve a participação garantida na Assembleia Nacional Constituinte para a formulação da Constituição Brasileira de 1988, que ocorreu em setembro de 1987, e protagonizou uma das cenas mais marcantes de sua história (Figura 1) quando, em discurso na tribuna do congresso federal, pintou o rosto com tinta de jenipapo - gesto simbólico e expressivo da cultura indígena para luto e guerra - em protesto aos retrocessos na luta pelos direitos indígenas em prol do poder econômico e de todo o processo de violência sofrido pelos povos originários ao longo da história.



Figura 1: Ailton Krenak pinta o rosto com jenipapo em seu discurso na Assembleia Nacional Constituinte em 1987. Autoria desconhecida.

Fonte: Krenak (2021).

Devido a seu trabalho junto a ativistas indígenas, foi incluído na Constituição Federal de 1988 o artigo nº 232 resguardando os direitos indígenas, entre outros artigos que versam sobre essa população, tornando-se um marco histórico e uma grande conquista dada a historicidade do país, perpassada pela violência e extermínio desses povos (*Quem é Ailton Krenak, s/a*; Krenak, 2019; Krenak, 2020a).

Em 1988, Krenak contribuiu para a criação da União das Nações Indígenas (UNI), organização com o objetivo de unificar e reivindicar os interesses indígenas no cenário nacional. Em 1989, ele organizou a Aliança dos Povos da Floresta que reúne indígenas e ribeirinhos da Amazônia para estabelecer reservas naturais para a subsistência econômica por meio da extração do látex da seringueira e da coleta de outros produtos da floresta (*Quem é Ailton Krenak, s/a*; Krenak, 2019).

O documentário "Ailton Krenak e o sonho da pedra" (Altberg, 2017), apresenta partes de sua trajetória que após dedicar duas décadas exclusivamente ao movimento indígena e à política, retorna a Serra do Cipó, em Minas Gerais, para se sentir mais próximo de seus ancestrais e integrar-se à cultura do seu povo, retornando para sua essência e ancestralidade no âmbito territorial e existencial.

No dia 5 de novembro de 2015, o rompimento de uma barragem da mineradora Samarco, em Mariana - MG, liberou lama de rejeitos de minério, causando a devastação de vilas, mortes e a contaminação do Rio Doce por toxinas, o que ocasionou na separação da aldeia e do rio por uma cerca. Diante disso, o povo Krenak foi afetado ao ver *watu*, o rio considerado sagrado e parte da família, se tornar uma lama tóxica que contaminou a região.

Em 2016, Ailton Krenak recebeu o título de Professor Honoris Causa pela Universidade Federal de Juiz de Fora e, na ocasião, se declarou sujeito coletivo, já que desde cedo desenvolveu consciência crítica em

torno do que o circundava para pensar no que pode ser transformado, buscou conhecimento e experiência na troca com outras pessoas, com espírito de solidariedade e empatia, e se comprometeu com a luta em prol da mudança da realidade dos povos originários, resultando em uma importante trajetória para o movimento indígena (Altberg, 2017).

No ano de 2020, em que foi decretada a pandemia de Covid-19, publicou os livros: "Ideias para adiar o fim do mundo", "A vida não é útil" e "O amanhã não está à venda", todos baseados em transcrições de palestras e entrevistas, recebendo o Prêmio Juca Pato de Intelectual do Ano, oferecido pela União Brasileira de Escritores (*Quem é Ailton Krenak, s/a*).

Em 2022 recebeu o título de Doutor Honoris Causa pela Universidade de Brasília, que demonstrou a importância da história, ideias e discussões despertadas por Ailton Krenak, e que o consagrou como pensador contemporâneo.

Publicou 'Futuro ancestral' (Krenak, 2022) em que aprofunda e complementa as discussões dos livros anteriores. Em outubro de 2023 foi eleito como membro da Academia Brasileira de Letras, ocupando a cadeira de número cinco, antes do cientista político José Murilo de Carvalho. Em abril de 2024 foi empossado tornando-se o primeiro escritor indígena a ocupar essa posição.

Assim, compreende-se a importância da trajetória de Ailton Krenak na busca pela garantia de direitos, e considera-se potente realizar discussões a partir de reflexões suscitadas por ele sobre problemáticas sociais articuladamente aos pressupostos da terapia ocupacional social.

A discussão do campo social na terapia ocupacional iniciou-se em 1970/1980, impulsionado pelas reivindicações dos movimentos sociais emergentes em um cenário brasileiro no processo de redemocratização após um período de ditadura militar, trazendo como elemento central da pauta social a dimensão da cidadania. O debate político-social repercutiu na prática da profissão que motivou a inserção dos terapeutas ocupacionais em projetos sociais, organizações do terceiro setor e instituições assistenciais (Barros *et al.*, 2002), posteriormente sendo incluído nas políticas públicas socioassistenciais (Brasil, 2010; 2011).

A terapia ocupacional social compreende as questões sociais a partir da vida concreta na operacionalização do cotidiano, marcado pelas possibilidades e limites definidos por fatores socioeconômicos e traçado por inter-relações, que trazem o entendimento das pessoas como ser social inserido num ambiente atravessado por processos culturais e pelo percurso histórico, elementos que podem gerar a exclusão social, impossibilitando o exercício da cidadania a partir de um cotidiano com mais liberdade individual e coletiva (Barros *et al.*, 2002; Lopes *et al.*, 2023).

Ressalta-se que a práxis da terapia ocupacional social se vê para além da técnica, e considera a dimensão política, ética e cultural, a partir de uma perspectiva crítica em relação à medicalização das questões sociais que levam ao processo de exclusão e reforçam a desigualdade (Barros *et al.*, 2002; Lopes *et al.*, 2023).

Assim, a partir de 1980, buscou-se aporte para a fundamentação da terapia ocupacional social em outros campos de saberes como, por exemplo, História, Antropologia e Sociologia, além dos saberes que

envolviam a Luta Antimanicomial, a Reforma Sanitária e as discussões acerca dos direitos relacionados a Seguridade Social e a Educação. Este foi um período de fortes investimentos em conhecimentos específicos de caráter macro-microsocial, intervenções transdisciplinares, interprofissionais e intersetoriais para ação no campo social (Lopes *et al.*, 2023).

Tendo em vista que a terapia ocupacional social também utiliza de outros conhecimentos e saberes, e que atualmente vem ampliando cada vez mais seu diálogo com diversas formulações, conceitos e perspectivas teórico-metodológicas, considera-se que discutir problemáticas sociais extrapolando a lógica de produção acadêmica hegemônica ao considerar as reflexões do pensador contemporâneo Ailton Krenak, é uma proposta que pode contribuir para o fortalecimento do escopo ao integrar saberes ancestrais, bem como estreitar o diálogo com os saberes plurais na terapia ocupacional.

Cosmovisão de Krenak e a terapia ocupacional social: articulando conhecimentos e possibilidades

A cosmovisão de Krenak é centrada na crítica à colonização e ao capitalismo pautada pela perspectiva indígena, abordando sobre como estes dois processos produzem e reproduzem impactos na constituição da sociedade e dos sujeitos, na relação com o mundo e com os outros seres (Krenak, 2020a; 2020b; 2022). A cosmovisão indígena se conceitua como uma concepção de mundo em que Natureza e ser humano são integrados (Alcântara & Sampaio, 2017), contrariando um modelo individualista de vida, marcada pela produção econômica do capitalismo.

As reflexões do pensador resultam no questionamento: "como é que, ao longo dos últimos 2 mil ou 3 mil anos, nós construímos a ideia de humanidade?" (Krenak, 2020a, p.10), apresentando reflexões sobre a construção da humanidade nos processos de colonização marcados pela violência e opressão.

A lógica de que brancos europeus podiam colonizar o resto do mundo sustentou-se na premissa de que havia uma humanidade esclarecida que precisava acessar a humanidade obscurecida, trazendo-a para o seio da civilização. A justificativa sempre se aportou pela noção de existir um jeito certo, um modelo ideal para estar na Terra, uma verdade, ou uma concepção de verdade, que guiou muitas das escolhas feitas em diferentes períodos da história (Krenak, 2020a). Krenak denomina a construção da humanidade homogênea (hegemônica) como um processo de "abstração civilizatória", para tornar-se "civil" e pertencer à sociedade, quando, na realidade, os povos foram retirados violentamente de seus territórios e coletivos, desvinculados de suas ancestralidades e das referências que davam sustentação a existência e as subjetividades (Krenak, 2020a).

Diante disso, com o avanço da história, o processo de modernização traçado pela visão eurocêntrica e inerente à consolidação do capitalismo, subjugou os povos do campo e das florestas para as margens da sociedade, em periferias e favelas, com o intuito de serem utilizados como mão de obra nos centros urbanos. Ailton Krenak se refere aos grupos marginalizados como "sub-humanidade", os quais são considerados uma camada inferior e que devem estar sob domínio da "civilização moderna", alienados ao mínimo exercício de ser (Arraes, 2021; Krenak, 2020a).

A cosmovisão do pensador demonstra os efeitos que condicionaram a hegemonia da sociedade num processo dito "civilizatório" por quem o promoveu, mas que determinou o genocídio da população africana e indígena e por consequência, a relação destes com a Natureza e suas culturas. Para Krenak, a dissociação entre humanidade e natureza afasta as pessoas do organismo vivo Terra, reduzindo-as a meras consumidoras. A cidadania troca de lugar para o poder de consumo e a natureza vira recurso de caráter predatório e fundamentado pela lógica do capital para exploração das corporações. Essa ideia dispensa a experiência de viver numa terra cheia de sentido, numa plataforma para diferentes cosmovisões (Krenak, 2020a).

A relação que os povos indígenas e africanos, historicamente, têm com a natureza no sentido de identificação e respeito a outros seres perpetua o entendimento de pessoas-coletivas compartilhando experiências harmônicas e de pertencimento a Natureza. Sendo assim, a dissociação humanidade e Natureza entrelaçada com a abstração civilizatória (hegemonia), "suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência, de hábitos" e reforça a monocultura (Arraes, 2021; Krenak, 2020a).

A monocultura pode ser definida como uma inexistência de pertencimento a vida coletiva, a destruição dos sentidos de si e do estar e transitar pelo mundo, sendo consequência do capitalismo, do desenvolvimento urbano e tecnológico. Krenak (2020a) ressalta que as cosmovisões de outras culturas tradicionais não ocidentais proporcionam a consciência sobre o mundo e as relações humanas, a fim de "suspender o céu" (p.15) para ampliar as perspectivas e "adiar o fim do mundo" (p.13), com a intenção de criar sentido para própria existência e enriquecer as referências para as subjetividades – redimensionando as relações com o mundo, sob uma perspectiva que supere o capitalismo e colonialismo.

Nesse sentindo, torna-se mais imperativo projetar o fim do mundo do que construir outras formas de relação com a vida, como também aprender com aqueles que continuam existindo e resistindo há milhares de anos, mesmo às custas do desenvolvimento, da ordem e do progresso capitalista.

Krenak (2020b) também entra em diálogo com debates recentes sobre o "Antropoceno" - a era dos humanos, que remete ao impacto das atividades humanas motivado pela dissociação humanidade e Natureza capaz de criar incertezas ambientais, colocando em risco a continuidade da vida humana no planeta, onde já é possível compreender as consequências com as mudanças climáticas e o aquecimento global.

Suas publicações no contexto da pandemia de Covid-19 contribuíram para as discussões promovidas em um cenário de articulação de políticas sob uma ótica neoliberal, que propiciaram a polarização de valores (históricos) entre a saúde e a economia, em uma lógica violenta e autodestrutiva, já que a situação de pandemia colocou em confronto as fragilidades humanas e a insustentabilidade dos modos de produção, pois as demandas na economia capitalista são suportadas pela ânsia de consumir.

Os conceitos de necrocapitalismo e necropolítica se tornam fundamentais na contextualização sobre a pandemia, pois definem-se justamente no tratamento descartável e supérfluo de populações vulnerabilizadas a partir do julgamento das necessidades imperativas das classes sociais mais abastadas.

Por meio desses conceitos Krenak (2020b) afirma que “somos governados pelas grandes corporações” (p.12/13), em que o capitalismo e sua lógica de fazer dinheiro são quem escolhem quem vive e quem morre por meio dos mecanismos impostos de alienação (Arraes, 2021).

A naturalização da desigualdade social é uma das facetas do sistema capitalista ao dissociar o sentido da existência e conseqüentemente, limitar a compreensão sobre o impacto da globalização mercantil na vida cotidiana, na cultura, na organização do trabalho e na concepção de riqueza e pobreza. Através da discussão de Foucault sobre a disciplinarização das pessoas no modo de produção capitalista Krenak afirma que a sociedade de mercado considera o ser humano útil quando está produzindo e, ao parar de produzir, torna-se despesa, então a pessoa se vê na posição de criar condições para manter-se vivo, uma questão de sobrevivência, perde-se a consciência de estar vivo substituída por uma existência automática (Krenak, 2020b).

Apresentando cinco ensaios oriundos de conferências e debates que Krenak participou entre 2020 e 2021, Krenak em “Futuro Ancestral” (2022), o livro mais recente, critica o modelo ocidental de cidades em que perpetua a uniformização das vidas frente a uma humanidade igual, uma “monocultura” em suas organizações, ainda resguardadas por uma lógica colonialista. Em contrapartida, o autor defende a pluralidade existente no mundo (Krenak, 2022).

A reflexão do pensador até aqui aponta para uma crítica a estrutura social capitalista, que preconiza o acúmulo de bens e a estratificação de classes. Na terapia ocupacional social, o entendimento dessa discussão se faz pela perspectiva teórica crítica, compreendendo a necessidade de uma ação política e consciente que promova a contra hegemonia (Lopes *et al.*, 2023) – voltado para os saberes plurais.

Nesse sentido, em diálogo com Krenak (202b), é necessário uma luta contínua da terapia ocupacional em busca de caminhos em que expõem-se a real configuração social, trazendo a necessidade de buscar uma experiência anti-sistêmica de quebra da visão mercadológica, afirmando a necessidade de evocar-integrar a ecologia de saberes, para compartilhar a possibilidade de um outro mundo possível, visto a necessidade de refletir sobre a forma que habitamos a Terra, como nos relacionamos com a natureza e com a vida (Arraes, 2021).

Krenak propõe “imaginar cartografias, camadas de mundos, nas quais as narrativas sejam tão plurais que não precisamos entrar em conflito ao evocar diferentes histórias de fundação” (Krenak, 2022, p.32).

Em diálogo com Melo (2016) é basilar realizar a problematização sobre a cidadania que descentrem da concepção de sujeito hetero, branco, cristão e ocidental, caminhando para uma terapia ocupacional social que cada vez mais questione os parâmetros que legitimam quem são cidadãos ou não – legitimando lugares de transformação. Assim, Krenak (2022) nos conduz para esse questionamento, dando possibilidade de debater e rever cotidianamente nosso pensar/fazer profissional direcionado para cidadanias plurais.

Parte disso integra o questionamento da modernidade em que a civilização é urbana e o que está fora disso é primitivo, sendo essencial para a valorização das pluralidades de existência no mundo entre vivências não padronizadas (Krenak, 2022). O que requer da terapia ocupacional social cada vez mais a

disponibilidade, como tem feito historicamente, para compreender o cotidiano dentro de um fazer que se desloca da homogeneidade – dando vasão para compreender e contribuir para o alargamento de modos de vida outros, que dissidem das hegemonias raciais, sexuais, de gênero, território, etnia, etc. - “não normativas no exercício da vida social” (Melo & Lopes, 2023, p.20).

A ancestralidade para o autor é uma possibilidade para nos ajudar nesse caminhar, colocada na perspectiva do futuro, na organização cotidiana para "o bem viver e na educação que se contrapõe aos processos coloniais de inferiorização racial, epistêmica e ontológica que hierarquizam a humanidade" (Reis, 2023, p.5). A cosmovisão de Krenak em diálogo com a terapia ocupacional social, tem a possibilidade de dar lugar a epistemologias inviabilizadas pela lógica colonial, a partir do movimento da desobediência, ao confrontar a visão anglo-saxônica na terapia ocupacional.

A práxis da terapia ocupacional social para além da técnica, considera a dimensão política, ética e cultural, a partir da crítica ao reducionismo das questões sociais, caracterizado pela disciplinarização e institucionalização dos problemas sociais, sob o viés de valores dominantes em prol do controle e da supressão da liberdade individual e coletiva (Lopes *et al.*, 2023).

A fim de entender as problemáticas contemporâneas, como os mecanismos de desigualdade e marginalização, a perspectiva indígena acrescenta para o desenvolvimento da consciência crítica da terapia ocupacional social. É necessário fortalecer a crítica dando ênfase para o papel do capitalismo contemporâneo que moderniza os mecanismos de alienação ao trocar a cidadania pelo poder de consumo e a dissociação humanidade e natureza, em prol da produção de uma monocultura e da utilização dos seres humanos como mão de obra (Krenak, 2020a; Krenak, 2020b).

O entendimento do processo histórico por essa cosmovisão possibilita maior compreensão sobre os aspectos macrosociais que atingem a vida dos sujeitos para que, assim, a terapia ocupacional social possa elaborar conjuntamente estratégias de ampliação da participação social, não no sentido da adaptação social, que reforça a monocultura, mas como articulador social, em prol da emancipação e da afirmação da vida – mais próxima da experimentação de uma vida com sentido.

A proposta perpassa pela ruptura de uma terapia ocupacional influenciada, em muitos momentos, pela visão norte-americana (Farias, 2022), firmada pela neutralidade científica e individualizada para realizar um deslocamento para a práxis com o compromisso ético-político – marcada pelas necessidades dos sujeitos e pelos saberes plurais - intervindo nos cotidianos, e em seus movimentos de resistência e afirmação. A terapia ocupacional social, como perspectiva brasileira, é um ponto de diálogo fundamental para isso, Galheigo (2023, p.61) indica que: “A terapia ocupacional social, portanto, surge como uma proposta que se diferencia por completo das perspectivas de terapia ocupacional anglo-saxã”.

Ao questionar o conceito de humanidade e afirmar que somos pessoas-coletivas, a cosmovisão de Krenak (Krenak, 2020a; Krenak, 2020b) dialoga e adensa o debate da terapia ocupacional social que envolve a busca de uma práxis entre a dialética indivíduo-coletivo, cujos cenários sociais estão em constante transformação, sendo impossível se basear numa perspectiva técnica e reducionista – ao reconhecimento das relações de interdependência. Essa perspectiva é basilar para fazer uma terapia ocupacional historicamente situada e que esteja assentada em uma análise macro-microsocial, rompendo com

qualquer vestígio de uma terapia ocupacional individualizante, por vezes, afirmadas por perspectivas históricas anglo-saxônicas (Farias, 2022).

Trata-se de fornecer elemento para contornar uma nova lógica de pensar a cidadania, como já colocamos. O respeito à diversidade e ao pluralismo social e o reconhecimento da diferença são partes integrantes do discurso da cidadania, orquestrados em pressupostos para a terapia ocupacional social (Lopes *et al.*, 2023).

As reflexões de Krenak contribuem para o desafio da terapia ocupacional social de fortalecer seu pensar/fazer dialogando com os modos de vidas e cotidianos distintos, em prol da produção de cuidado e de participação social que façam sentidos para os sujeitos, os quais são sempre individuais e coletivos – em contramão às perspectivas colonialistas e capitalistas. Sendo essencial para compreender a história com uma base a realidade brasileira latino-americana (Farias, 2022; Galheigo, 2023), entrelaçando à cosmovisão de Krenak, enriquece os referenciais teórico-metodológicos para se pensar/fazer terapia ocupacional social.

Em sua essência, Krenak exala saber e trajetória de vida, e é sinônimo de resistência ao lutar pelo reconhecimento da diversidade e pluralidade da vida, com base na perspectiva indígena, inspirando a construção de outros saberes com o propósito de adiar o fim do mundo.

Conclusão

As reflexões de Krenak demonstram a problematização em construir uma sociedade capitalista hegemônica de base colonialista, que, com a premissa civilizatória, exterminou grande parte dos indígenas no Brasil e, conseqüentemente, suas cosmovisões e modos de vida que valorizavam a relação com a natureza. O debate se compõe com a terapia ocupacional social nas discussões das violências, opressões e desigualdades impostas pelo sistema capitalista na vida contemporânea, mas o que se adiciona com a cosmovisão de Krenak é a relação deste com uma matriz cultural que relaciona a busca de uma justiça social pelo reconhecimento da pluralidade existencial da natureza e da vida humana.

A construção de um Estado plurinacional é defendida por Krenak para ampliar a matriz cultural em busca da diversidade, ao invés de uma humanidade homogênea, que proporciona o reconhecimento da pluralidade de formas de vida. Krenak afirma que a “base da educação é a fricção com o cotidiano” e a fricção com a vida enriquece a subjetividade (Krenak, 2022).

Cabe a terapia ocupacional social espriar cada vez mais fortemente a leitura crítica dos processos sociais, sendo potente se aproximar a cosmovisão de Ailton Krenak, ao evocar as narrativas plurais para o enriquecimento das vidas marcadas pelas opressões e alienações, resistindo à monocultura e aos poderes hegemônicos, em prol da transformação e emancipação social.

“... Brasileiro, brasileiro...

você nunca foi norte-americano ...”

Brasiliiana – BaianaSystem

Referências

- Alcântara, L. C. S., & Sampaio, C. A. C. (2017). Bem Viver: uma perspectiva (des) colonial das comunidades indígenas. *Revista Rupturas*, 7(2), 1-31. <http://dx.doi.org/10.22458/rr.v7i2.1831>
- Altberg, M. (2017). *Ailton Krenak e o Sonho da Pedra*. Indiana Produções. Recuperado em 27 de fevereiro de 2024 de https://canalcurta.tv.br/filme/?name=ailton_krenak_e_o_sonho_da_pedra.
- Arraes, R. (2021). O útil, o fim, e o Antropoceno: Ensaio Crítico sobre os manifestos de Ailton Krenak. *Antropologia Portuguesa*, 38, 105-109. https://doi.org/10.14195/2182-7982_38_7
- Barros, D. D., Ghirardi, M. I. G., Lopes, R. E. (2002). Terapia ocupacional social. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, 13 (3), 95-103. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v13i3p95-103>.
- Brasil (2010). Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional - COFFITO. *Resolução nº 383, de 22 de dezembro de 2010*. Define as competências do Terapeuta Ocupacional nos Contextos Sociais e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, v. 1, n. 225.
- Brasil (2011). Conselho Nacional de Assistência Social - CNAS. *Resolução nº17 de 20 de junho de 2011*. Ratifica a equipe de referência definida pela Norma operacional Básica de recursos humanos do sistema único de assistência social e reconhece as categorias profissionais de nível superior para atender as especificidades dos serviços socioassistenciais e das funções essenciais de gestão do sistema único de assistência social. Brasília, DF.
- Farias, M. N. (2022). Terapia ocupacional social: contribuições epistemológicas para um giro decolonial. *Saúde e Sociedade*, 31(3), e200484pt. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902022200484>.
- Galheigo, S. M. (2023). Terapia ocupacional social: uma síntese histórica acerca da constituição de um campo de saber e de prática. In R. E. Lopes & Malfitano. A. P. S. (Eds.), *Terapia Ocupacional Social: desenhos teóricos e contornos práticos* (pp. 53-73). EDUFSCar.
- Krenak, A. (2019). *Discurso de Ailton Krenak*, em 04/09/1987, na Assembleia Constituinte, Brasília, Brasil. GIS - Gesto, Imagem e Som - *Revista de Antropologia*, 4(1), 421-422. <https://doi.org/10.11606/issn.2525-3123.gis.2019.162846>
- Krenak, A. (2020a). *Ideias para adiar o fim do mundo*. 2ª ed. Companhia das Letras.
- Krenak, A. (2020b). *A vida não é útil*. Companhia das Letras.
- Krenak, A. (2020c). *O amanhã não está à venda*. Companhia das letras.
- Krenak, A. (2021). *Invocação à Terra. Discurso de Ailton Krenak na Constituinte*. Imagem. Cadernos Selvagem. Publicação Digital Dantes Editora. Recuperado em 7 de agosto de 2022 de http://selvagemciclo.com.br/wp-content/uploads/2021/07/CADERNO27_CONSTITUINTE.pdf
- Krenak, A. (2022). *Futuro Ancestral*. Companhia das Letras.

Lopes, R. E., Barros, D. D. & Malfitano, A. P. S. (2023). Terapia Ocupacional Social: aportes para o desenho de um campo. In A. Cavalcanti & C. R. C. Galvão. *Terapia Ocupacional: Fundamentação e Prática*. Guanabara Koogan.

Macedo, M. D., de Lima Neves, A. T., Bardi, G., Monzeli, G. A., & Mota, V. V. (2016). Olhares em formação: refletindo a prática da terapia ocupacional em um contexto cultural a partir de experiências com povos indígenas. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 24(1), 77-89.

<http://dx.doi.org/10.4322/0104-4931.ctoAO0665>

Melo, K. M. M. (2016). Terapia Ocupacional Social, pessoas trans e Teoria Queer:(re) pensando concepções normativas baseadas no gênero e na sexualidade. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 24(1), 215-223. <http://dx.doi.org/10.4322/0104-4931.ctoARF0645>

Melo, K. M. M., & Lopes, R. E. (2023). Modos de vida, experiências trans e enfrentamentos: considerações para a ação técnica em terapia ocupacional social. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 31(spe), e3225. <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoAO246532251>.

Quem é Ailton Krenak. *Cartas Indígenas ao Brasil (s/a)*. Recuperado em 7 de agosto de 2022 de <https://cartasindigenasaobrasil.com.br/biografia/ailton-krenak/>

Reis, D. dos S. (2023). Educação e Ancestralidade em Contratempo: nos rastros de Ailton Krenak. *Cadernos De Pesquisa*, 53, e10377. <https://doi.org/10.159Kre0/1980531410377>

Contribuição dos autores: K. F. R. S. Elaboração, coleta de dados, formatação, análise dos dados, revisão do texto. R. G. B. Elaboração, coleta de dados, formatação, análise dos dados, revisão do texto. M. F. N. Orientação do trabalho, coleta de dados, formatação, análise dos dados, revisão do texto.

Recebido em: 22/05/2024

Aceito em: 07/09/2024

Publicado em: 31/10/2024

Editor(a): Carolina Maria do Carmo Alonso